

Reagan aposta na queda do juro

Londres — O presidente Ronald Reagan disse ontem, antes da abertura formal das conversações da conferência de cúpula dos sete países industrializados do mundo, acreditar na queda das taxas de juros norte-americanos ainda este ano, provavelmente até setembro, apesar das afirmações em contrário de seu principal assessor econômico, Martin Feldstein, que declarou ontem ao Congresso norte-americano que a curto prazo as taxas de juros "continuarão altas e provavelmente até subirão". Feldstein deixará o cargo de presidente do Conselho dos Assessores Econômicos de Reagan no próximo mês.

"Provavelmente ele se enganou", disse Reagan, enquanto posava para os fotógrafos nas escadarias da Winfield House, residência da embaixada norte-americana em Londres, ao lado do primeiro-ministro japonês Yasuhiro Nakasone. "As taxas de juros são voláteis e acredito que haverá alguma flutuação. Mas também acredito que, a longo prazo, elas baixarão", acrescentou o presidente norte-americano.

Ao se reunir com o primeiro-ministro do Japão, Yasuhiro Nakasone, o presidente Ronald Reagan destacou que os países do Terceiro Mundo devem fazer um esforço para que se consiga uma solução aos seus problemas, insistindo na adoção de políticas econômicas e fiscais capazes de favorecer os investimentos estrangeiros, segundo o porta-voz japonês.

As causas do endividamento dos países do Terceiro Mundo e suas soluções foram analisadas ontem sob diferentes pontos de vista pelo presidente francês François Mitterrand, e seu colega norte-americano Ronald Reagan, durante conversa de 45 minutos dentro da conferência dos sete países mais ricos do ocidente.

Mitterrand é favorável à necessidade de se encontrar "respostas globais" ao agravamento da dívida dos países em desenvolvimento. Mesmo admitindo as causas particulares de cada nação endividada, Michel Vauzelle, porta-voz do Palácio do Eliseu, afirma que a França acredita que existem "causas globais que envolvem todos esses países", e, portanto, é "necessário atacar essas causas globais se se quiser dar uma resposta séria a esse grave problema". Nesse contexto, Vauzelle inclui o aumento das taxas de juros norte-americanas.

A França, segundo Vauzelle, está disposta a alertar seus aliados ricos contra os "riscos políticos" que ameaçam alguns países endividados, quando se pretende impor políticas drásticas de austeridade.

Exemplificou com as recentes manifestações populares do Marrocos e da Tunísia, em decorrência das elevações de preços dos produtos de primeira necessidade.

Infeliz mistura

Já o ministro da Economia da Alemanha Ocidental, Otto Lambsdorff, disse ontem que a elevação das

taxas de juros norte-americanas e o déficit orçamentário dos Estados Unidos representam uma "infeliz mistura" que ameaça a economia mundial.

"Na minha opinião, os Estados Unidos não terminaram completamente a tarefa de restringir as pressões inflacionárias", disse Lambsdorff durante um jantar oferecido pelo Centro Britânico de Pesquisas Políticas Independentes, que coincidiu com a conferência dos sete maiores países capitalistas do mundo.

Lambsdorff elogiou o sucesso da política econômica norte-americana de estímulo ao emprego, dos últimos anos, mas observou uma alta constante dos déficits orçamentários e ainda na estabilização dos preços, fatos que se opõem à estratégia monetarista.

"A luz mais brilhante atinge até as mais profundas trevas", disse ele. "A tendência alista das taxas de juros, que é resultante desta infeliz política, representa uma carga pesada que os Estados Unidos tem, eles próprios de carregarem, junto às outras nações industrializadas e, acima de tudo, nas gravemente endividadas nações do Terceiro Mundo", disse Lambsdorff.

Lambsdorff, um feroz defensor do livre mercado, disse ter observado uma sucessão de leis no Congresso "de características mais ou menos protecionistas" e fez menções especiais aos planos do Congresso norte-americano de limitar as isenções fiscais permitidas para baratear os automóveis mais caros produzidos nos Estados Unidos.

"Até a política de taxação está sendo posta a serviço do protecionismo", argumentou Lambsdorff.

Os alemães ocidentais estão desapontados com a iniciativa porque eles temem que a medida cortará o número de carros de luxo alemães comprados nos Estados Unidos — particularmente BMWs e Mercedes.

Petróleo

O presidente Ronald Reagan pediu ontem maior cooperação entre os aliados ocidentais no planeamento de soluções de emergência para o caso de uma nova crise do petróleo. Em uma reunião com o primeiro-ministro japonês Yasuhiro Nakasone, os dois concordaram em que "deve haver algum plano de contingenciamento no caso de o conflito no Golfo Pérsico interromper o abastecimento de petróleo ao Ocidente".

Reagan anunciou que as reservas petrolíferas dos Estados Unidos quadruplicaram nos últimos três anos. Ele acha que, no caso de uma situação de emergência, utilizando-se parte dos estoques norte-americanos tudo pode ser arranjado. Richard Burt, subsecretário norte-americano para assuntos europeus, disse que os governantes da conferência estão acompanhando de perto a situação no Golfo. "Eles vão discutir os aspectos a prazo mais longo da situação na área do Golfo, principalmente a questão energética".